

Discurso

pronunciado pelo Dr. Octavio Hamilton Tavares Baretto, como paranympo, na solemnidade de collação de gráo aos bachareis que se formaram em Dezembro de 1916 pela Faculdade de Direito do Recife.

Meus jovens collegas:

No mais bello dia da vossa vida academica, no momento em que vêdes realizadas as aspirações com que entrastes nesta Escola de Direito, ha cinco annos, entendestes de me conferir a honra insigne de dirigir-vos a saudação de despedida. Por um requinte desta bondade de que está sempre aquecido o coração dos moços, deliberastes chamar ao desempenho de uma missão tão sympathica o mais modesto entre os professores desta Faculdade, convencidos, como deveis estar, de que os meus collegas, todos mais illustres do que eu, podem dispensar d'ora em diante estas distineções escolares, uma vez que bastam, para o relevo dos seus nomes, as conquistas que já realizaram.

Eis-me, pois, na tribuna para attender ao vosso appello tão gentil, desde que nada posso recusar-vos.

Meus jovens collegas.

Ser-me-ia muito aprazível que no momento da nossa separação eu pudesse estar tranquillo quanto ao vosso futuro na vida publica, que se vae abrir deante de vós. Pelo muito que vos estimo, eu desejaria que fosseis encontrar lá fóra uma carreira tranquilla e segura, onde vos fosse permittido attingir a prosperidade e as honras sem grandes luctas e sem dolorosos sacrificios.

Infelizmente, o momento que atravessa a civilisação não é muito para inspirar prognosticos optimistas.

A humanidade civilisada transpõe na hora actual uma das mais profundas crises da historia.

Até ha bem pouco tempo estava quasi generalisada a crença num futuro de progresso constante, de felicidade sempre crescente e de perfectibilidade absoluta para a sociedade.

Já se ia acreditando na victoria definitiva da Justiça e do Direito, e os espiritos generosos pricipiavam a apregoar a proxima realisação do velho sonho da paz universal.

O vate immortal da *Lenda dos Seculos* prophetisara um dia que a Europa no seculo XX havia de constituir uma só nação, ou antes uma só familia. "*A idéa de trabalho ficará expurgada da idéa de servidão; da equaldade sahirá perfeita a instrucção gratuita e obrigatoria; o ensino substituirá o castigo e a prisão transformar-se-á em escola; ficará*

*abolida a ignorancia; o homem que não saiba lêr será tão raro como o ceo de nascença; comprehender-se-á o JUS CONTRA LEGEM; a politica ficará abolida pela sciencia. Chamar-se-á Europa no seculo XX (esta nação), e nos se-
culos seguintes outra vez transfigurada chamar-se-á Humanidade. A Humanidade será a nação definitiva entrevista pelos pensadores."*

E' certo que os estadistas traquejados no manejo dos homens esboçavam um sorriso de ironia e punham sempre em duvida que isto fosse alguma coisa mais do que um sonho de poetas. A verdade, porém, é que não eram somente esses eternos ideologos a acreditar na consolidação definitiva da paz entre as nações. Esta crença penetrava pouco a pouco no recinto dos parlamentos e até já era afagada nos gabinetes dos ministros e nas conferencias dos embaixadores.

O Tribunal de Haya ia tomando a serio os seus laudos, e mais de uma vez foi discutida com uma certa gravidade a proposta de desarmamento das grandes potencias mundiaes.

Hoje todas estas coisas pertencem ao dominio do passado, e tão grande foi a desillusão experimentada, que esse passado já parece tão afastado de nós e tão longinquo como os tempos em que Campanéla escreveu a sua *Cidade do Sol*, em que veio á publicidade a *Utopia* de Thomaz Morus, ou, melhor ainda, como a epocha ha tanto esvaecida das illusões douradas da *Republica* de Platão.

Quando ha dois annos as nações mais poderosas da Europa, e por isto mesmo consi-

deradas como as mais interessadas em conservar e defender o patrimonio de uma civilização de tantos seculos, se atiraram aos azares dessa guerra sem exemplo, de que não podemos prever a duração nem as consequências, pode-se dizer que o mundo mergulhou nas sombras do desconhecido para reaparecer sob novas formas, que as intelligencias mais videntes e mais profundas ainda não podem delinear com segurança.

Guilherme Ferrero, o grande historiador italiano, estudando as causas remotas e os motivos apparentes do assombroso cataclysmo, considera um erro grosseiro a opinião dos que sustentam não existir na conflagração européa mais do que uma guerra entre nações, em vez de uma crise nunca vista, em que se hão de resolver problemas essenciaes, de que vão depender os destinos mesmos da civilização.

“Os tratados de alliança, os tratados de commercio, os principios politicos e juridicos, a organização da industria e do banco, as relações entre os Estados, os povos, as classes, tudo foi destruido, supenso, abalado, revolvido.” “Cada um de nós, —asserta aquelle pensador, —recorde-se de como via o seu paiz, o mundo, a vida e seus deveres na primeira metade do anno de 1914 e compare o que pensava então com o que pensa hoje. Que differença! Como os tempos de antes da guerra nos parecem afastados! Não ha uma pessoa só, das menos habitudas mesmo á reflexão, que não experimente hoje o sentimento de ter vivido a primeira parte da sua existencia na

illusão e no erro, e de haver sido bruscamente chamada á verdade por um violento abalo.”

É uma grande obra de reconstrucção a que se vae realisar, sem duvida, e é immensa a responsabilidade dos que têm de cooperar por qualquer forma nesta empreza gigantesca.

Mas para a nossa patria especialmente é de graves apprehensões a hora que passa.

Este quadro de tão carregadas côres, a nós brasileiros é que apresenta o seu aspecto mais sombrio.

A' confiança na solidez do nosso edificio politico-social succederam duvidas bem graves a respeito do nosso futuro.

Por toda a parte vê-se lavar a descrença, e os dirigentes da opinião publica não se mostram tranquillos a respeito dos nossos destinos.

A repercussão da crise européa veio mostrar que não são tão solidos, como pareciam, os alicerces sobre que assenta a nossa nacionalidade.

As nossas condições economicas, a situação financeira, a força de resistencia das instituições politicas, a constituição moral, os costumes politicos do Brasil, tudo é considerado inconsistente.

A imprensa e a tribuna do parlamento clamam sem cessar, annunciando o descalabro que vae imperando.

A politica malsã avassala e corrompe tudo, falseando as eleições, accendendo a lucta fratricida entre as facções nos diversos Estados da União, invadindo o mais elevado pre-

torio da Justiça para impôr aos magistrados a parcialidade nas contendas dos partidos.

Vae-se enervando dia a dia a repressão dos crimes. A criminalidade avulta em crescendo impressionante.

O Jury absolve systematicamente os delinquentes protegidos. Os rigores do Codigo são para os proletarios.

Deturpa-se o instituto do *habeas-corpus*, que vae sendo astuciosamente convertido no mais seguro meio de successo dos ardis e tranquiernas partidarias.

A improbidade campeia, e os desfalques dos dinheiros do Erario consomem uma boa parte das rendas do paiz.

As baixas camadas sociaes justificam os seus desvios allegando que o máos exemplos vêm do alto.

São geraes a insatisfação e a intranquillidade e, para mais aggraval-as, resoam todos os dias nas tribunas da Camara e do Senado os toques de febate, chamando os republicanos a mais uma vez cerrar fileiras em torno das instituições, ameaçadas por conspirações surdas, que talvez venham a explodir.

Eis ahi, sem o menor exaggero, a situação da nacionalidade brasileira.

Tudo isto, aliás, não constitue novidade para nenhum de vós. As Academias não são em nossos dias, como já foram outr'ora, especies de mosteiros fechados aos rumores e ás agitações do seculo. Aqui se sentem todas as vibrações da vida social, e nada do que acabei de referir irá lá fóra causar-vos a menor surpresa.

Do que digo, porém, não vades erradamente suppôr que eu queira concluir por aconselhar-vos, o fatalismo musulmano. Não: bem longe disto.

O que eu tenho em vista é tão somente dar-vos a sentir agora que vae ser muito mais ardua a vossa tarefa na obra da remodelação da patria, uma vez que é aos juristas que ha de caber sempre a participação mais immediata e mais directa na orientação da vida social.

O dr. Pedro Lessa, o altanado espirito que tanto honra a nossa Suprema Côrte de Justiça, já teve occasião de proclamar com a sua incontestavel autoridade de jurista philosopho: "Apague-se a historia das academias juridicas do Brazil, e a historia da nação brasileira será um enigma."

Para que possaes dar nobre e cabal desempenho á vossa missão de juristas, tereis, portanto, que despender maiores esforços e fazer mais penosos sacrificios do que outros collegas vossos daqui sahidos em tempos mais felizes.

Era esta a conclusão a que eu queria chegar.

Meus jovens collegas:

Por um phenomeno reflexo perfeitamente explicavel pela psychologia das collectividades, quando a atmospherá está por toda a parte tão carregada da electricidade da guerra, acaba de apoderar-se do nosso paiz um incoercível enthusiasmo guerreiro, que só na

militarisação do Brasil descobre o remedio eficaz para curar os achaques de que elle tanto padece. Desde o sr. Hermes da Fonseca, a mais alta patente do nosso exercito, até ao sr. Olavo Bilac, o principe dos nossos poetas, apre-goam todos que é na instrucção militar ministrada sob todas as suas formas á mocidade brasileira que havemos de encontrar a salvação, e attingir rapidamente ao nivel daquella grandeza e daquella felicidade que a Allemanha já conseguiu alcançar entre as demais nações.

Não me deixei tomar da vertigem, e não sigo com esta corrente, consequencia talvez de me haver feito a ingrata natureza demasiado inapto para o mister das armas.

Acredito, erradamente por certo, que uma nação pode chegar ao mais elevado nivel de progresso, fóra do regimen dos grandes armamentos e da paz armada, e a quem esboçar uma duvida eu contestarei com este argumento irretorquível: os Estados Unidos da America do Norte.

Alli a mocidade não se prepara para a vida publica, aprendendo no Evangelho do Marechal Moltke que —“a guerra origina e estimula nos homens as qualidades heroicas e viris, que no rithmo quotidiano e regular da vida esmorecem e se extinguem”; alli não encontrará admiradores aquelle outro guerreiro allemão, que provou aos primeiros embates da guerra de 1914 a maxima, tão impregnada de piedade christã, que —“a guerra, quanto mais cruel e implacavel, mais rapida, e portanto mais humana.” A estas horas aquelle benemérito da humanidade e da civilisação ha de es-

tar verificando, por entre as ruínas fumegantes da Belgica martyrisada, a efficacia do seu ensinamento.

Não. Nos Estados Unidos os cathecismos que os srs. Bryan e Theodoro Roosevelt compõem para uso de seu povo contem doutrinas de outra natureza, não tão elevadas e profundas, talvez, mas sem duvida mais assimilaveis para os homens civilisados dos nossos tempos.

A grande republica norte americana não tem epopéas guerreiras para mostrar ao mundo; lá não se encontram as tradições heroicas de um Carlos Magno, Frederico —o Grande ou Napoleão 1.º; lá o sangue ha sido derramado tão somente pela liberdade e pela independencia; não são as virtudes marciaes as que se cultivam de preferenciã no coração da mocidade.

Mas eil-a, a altiva patria de Washington, grande, prospera, cheia de força e de prestigio, cercada pelo respeito e pela admiração do mundo.

Atravesse-se a Allemanha, essa formidavel potencia guerreira, no caminho que vac seguindo ovante a gloriosa Federação Americana, e eu duvido muito que os compatriotas do sr. Wilson hajam de empallidecer e de voltar as costas aos legionarios do Imperador Guilherme.

Deixemos a Europa fascinada pelo seu velho ideal procurando firmar a civilisação sobre as conquistas da força, e, sigamos nós outro caminho. Em vez de pregar aos moços o odio entre os povos, formemos o caracter da juventude pelo cultivo das virtudes civicas,

fortalecamos nella o sentimento da solidariedade humana, e procuremos assentar a nossa grandeza sobre as bases muito mais duradouras da paz e do trabalho.

Meus jovens collegas:

Muito embora os obstaculos de que está ericado o caminho que ides percorrer, eu tenho plena confiança em que haveis de transpô-los todos, e tenho esta confiança porque de perto vos conheço, e posso aquilatar de que valor é a vossa enfibratura moral.

Conheço entre vós aquelles que já sahem daoui manejanndo a penna como jornalistas consumados. Conheço os que são dotados de espirito calmo e reflectido, sabendo orientar-se em qualquer occasião pelo criterio mais seguro. Conheço os que já estão habituados a travar os combates da palavra, subindo com intrepidez á tribuna, que mais tarde não terá segredos a desvendar-lhes.

E em todos folgo de reconhecer esse ardor, esse enthusiasmo espontaneo, essa bravura moral, enfim, que é a primeira condição de successo na existencia.

Eu tenho, portanto, a certeza de que haveis de ser dignos desse titulo que vos foi ha pouco conferido pelo venerando Director da Faculdade, e que haveis de exercer com gallardia qualquer das muitas profissões para que vos torna aptos o diploma de bacharel em direito.

Como homens de imprensa, haveis de comprehender que se a penna do jornalista na

mão leal de um Evaristo da Veiga, de um João Francisco Lisboa, de um Ruy Barbosa, de um Quintino Bocayuva, de um Joaquim Nabuco ou de um Martins Junior é um instrumento de governo, de doutrinação e de moralisação de um povo, a penna do jornalista na mão desses follicularios vis; que a einbebem no veneno da mentira para intrigar, para mystificar, para dilacerar a reputação alheia, a penna na mão de uns taes é um instrumento mais perigoso do que a navalha na mão do *apache*. Nunca haveis de aviltar a vossa penna.

Se vos devotardes á carreira politica, por certo não haveis de alistar-vos ao mando dos politicos profissionaes que têm por lemma a maxima que “os fins justificam os meios”, e que adoptam a theoria proveitosa, mas não honesta, das duas moraes: uma moral rigida para o homem particular, e para o homem publico uma moral accomodatícia e elastica, que comporta a perfidia, a trahição e até o crime. Não não posso acreditar que para obter successos rapidos e facéis sejais capazes de sotopor o bem publico ás conveniencias pessoaes, jurando bandeira nas hostes de uns tantos caudilhos, principaes responsaveis pelos desastres da nossa patria: caudilhos que se não foram capazes de aprender no *Principe* de Nicolás Machiavel as suas argucias e subtilezas florentinas, podem dar-lhe, entretanto, licções de corrupção e violencia.

Magistrados, haveis de ter sempre em mente a advertencia austera do Chancellor d'Aguesseau: “Juizes, reflecti sempre que vós

julgaes os homens, mas o povo julga a vossa justiça.”

Fortalecidos pelo estudo e envoltos na couraça adamantina dos vossos principios, eu tenho fé em que não vos haveis de deixar enlear pela chicana dos rabulas, nem intimidar pelas ameaças dos potentados.

Se por essa alta e nobilitante profissão de advogado se manifestarem as vossas preferencias, nunca tomareis por norma que todas as causas são boas para o advogado, como todos os casos clinicos são bons para o medico. Lendo ha tempos as obras de um grande advogado francez, que depois de haver conquistado todos os louros que a tribuna forense podia prodigalisar á sua eloquencia dominadora, ascendeu ao posto de *batonnier*, que só Berruyer tinha sido capaz de honrar tanto como elle, deparei num dos seus magnificos discursos de abertura das sessões da Ordem dos Advogados de Paris conselhos dignos de um juriconsulto dos bellos tempos de Cicero. “O ministerio que nós exercemos, meus caros confrades — dizia o grande Chaix d’Est Ange — não é para nós inteiramente facultativo e voluntario: é uma especie de ministerio publico e de patronato que nos crêa deveres para com os nossos concidadãos. Este gabinete em que estamos não é somente um refugio para tranquillos estudos: é tambem como que um logar de asylo, constantemente aberto a todos os interesses licitos e a todos os direitos legitimos.

E’ aqui que se nos revela um outro dever, cujo cumprimento é tambem necessario á dig-

nidade da nossa profissão, um dever sem o qual ella perderia toda a consideração que lhe é devida, e não seria mais do que um miseravel trafico: eu quero fallar da escolha das causas.

Quando, apoiando-se na mentira e na fraude, um pleiteante tenta enganar a justiça, reflecti bem que, vos fazendo os orgãos de sua pretensão, vos tornaes os cúmplices de sua deslealdade.

Que nenhuma consideração, nenhum interesse vos determine a acceitar este papel que a vossa probidade deve repellir.

Mas não é somente nas causas cíveis que esta reserva vos é imposta; deveis observal-a tambem nas causas criminaes.

Que o vosso talento, o vosso ministerio, não sirvam para trazer ao seio da sociedade um culpado, do qual os novos crimes seriam obra vossa, cuja impunidade escandalosa seria para outros um estímulo e para a sociedade um flagello.

Os successos assim obtidos seriam cruelmente pagos. Vendo o talento do advogado sempre prompto a se ageitar a todas as causas, ficar-se-á sabendo o que vale este calor sempre prompto, esta habilidade que consiste na dissimulação, no equivoco, na mentira, e, dentro em pouco, cercado pela desconfiança geral e legitima, esse advogado verá perecer ao mesmo tempo a sua consideração e a sua clientela."

A divisa do advogado ha de ser sempre a velha divisa "*Non omnia, sed bona.*" E esta ha de ser a vossa norma.

Meus jovens collegas:

Eu não devo ir mais longe. Haveis de estar anciosos pela ocasião em que possaes estreitar ao peito os vossos pais e os vossos amigos, aquelles, enfim, pelo amor e pela dedicação de quem adquiristes o direito de usar d'ora em diante a toga de jurista, que conto haveis de saber prezar, como os jovens patricios romanos prezavam a toga pretexta que revestiam no limiar da vida publica.

Eu não quero afastar o momento de tão justas e tão puras expansões.

Duas palavras, portanto, antes de terminar, e estas serão as nossas despedidas.

Meus jovens collegas:

Podeis levar a certeza de que nunca se apagará em meu espirito a lembrança das provas de sincera e desinteressada amizade que me prodigalisastes enquanto estivemos reunidos nesta casa, e com esta recordação perdurará tambem em mim o desvanecimento de haver alcançado taes provas a moços de tão formosos predicados.

Daqui ficarei attento á vossa marcha ascensional para o futuro, e, animado da mais calorosa sympathia, serei solícito em bater palmas aos vossos triumphos, que não vos pertencerão exclusivamente, pois hão de ser incorporados ao patrimonio moral deste Insti-

tuto quasi secular, o solar commum em que se educou o nosso espirito, e cujos brazões todos nós temos o dever sacratissimo de zelar.

Meus jovens collegas, meus caros amigos:

Ide e sêde felizes.

